



Caminhos e desafios para a organização da juventude

Maio de 2012

1- De onde falamos

A Assesoar, neste momento, implementa o seu Centro de Educação Popular, política e pedagogicamente ancorado nos fundamentos das lutas populares da América Latina, especialmente das que assumiram a perspectiva da transformação social.

Institucionalmente, assenta-se nos aprendizados do contraponto à revolução verde – visível nos grupos de agricultura alternativa, na cooperação para produzir e comercializar-; da luta pela terra e contra as barragens; do teatro da juventude do campo, desenvolvido no Projeto Vida na Roça; do acompanhamento às escolas públicas, à produção e à comercialização ecológica e da formação tecnológica em agroecologia para jovens.

Nesse momento, a Assesoar contribui na formação política e formação nas artes cênicas, com o teatro.

2- A juventude na sociedade atual - características e condições

2.1- Juventude e Juventudes – as Classes Sociais

Em cada tempo e lugar, condicionados pelas possibilidades de reprodução material, agrupamentos humanos moldam sua existência social, intelectual e simbólica: humanizam-se. No Capitalismo, atual condição do existir, os mecanismos globais de expropriação e subordinação ajustam-se às distintas condições locais, para atingir o objetivo da exploração e da subordinação globalizadas.

Mediante a lógica da expropriação capitalista global, os agrupamentos humanos adaptam-se para subsistir, mantendo ou reelaborando características, muitas delas específicas que, à primeira vista, aparecem como determinantes na configuração da identidade. É o caso de agrupamentos dos centros e das periferias das cidades, dos bairros bem estruturados, do campo ocupado por pequenos agricultores e camponeses, do campo nos latifúndios, dos negros, dos indígenas, dos quilombolas, dos homoafetivos, entre tantos. As especificidades, aparentemente determinantes da identidade, se evidenciam nas formas de vestir, no uso de determinadas marcas, na criação musical e nas artes visuais, nos estilos de escrita, nas novas formas de comunicação das redes digitais, nas características das festas e da diversão, na forma de encarar o trabalho, enfim, se e como projeta o futuro. Ao realçar estes aspectos específicos e mais evidentes da identidade, podemos caracterizar diferentes *juventudes*.

Contudo, sob a atual hegemonia do Capitalismo, as identidades específicas refazem-se articuladas e condicionadas ao movimento estrutural da produção das riquezas materiais e da sua distribuição, cadinho que forja novas gerações.

No calor das contradições da atual dinâmica da acumulação de capital, conformam-se múltiplas condições econômicas, sociais, políticas e artísticas, produzindo reivindicações específicas ao Estado ou às empresas capitalistas que, aos poucos, reconhecidas, são tratadas, normalmente, como objeto de programas oficiais.

Pelo movimento do Capital para reconstituir os índices de acumulação, avalizado pelas políticas

oficiais, implementa-se a expansão da fronteira agrícola, a privatização das terras e do subsolo, a reconfiguração das estruturas agrárias com as reconversões produtivas nas áreas de grande e de pequeno porte, os grandes projetos hidroelétricos e de mineração que realocam as populações, os novos arranjos produtivos nas indústrias, entre outras, provocando profundas alterações precarizantes na relação capital/trabalho, manifestas de forma desigual, porém combinada, costurando os distintos agrupamentos humanos pela expropriação da riqueza produzida em qualquer das condições.

Nos tempos atuais, os parâmetros estruturantes da ideologia legitimadora da concentração de riquezas e da centralização das decisões, controlados pelo capital financeiro, pautam a produção da cultura, costurando as especificidades em traços novos, unificadores da constituição humana. Por isso, as características universais da atual humanidade, conformada sob determinadas condições, é histórica¹.

Sob este prisma, para caracterizar apropriadamente “as juventudes” tendo em vista educar numa pedagogia apropriada, há que configurar a *juventude* desde parâmetros mais universais, balizados pelos movimentos da teia da produção material, no embate das classes sociais. Ou seja, ao caracterizar, para fazer a aproximação pedagógica, as especificidades da juventude de distintos grupos humanos, são fundamentais, desde a perspectiva da educação popular, uma vez que considera os sujeitos (coletivos e individuais), como ponto de partida – e de chegada – da prática educativa.

A intencionalidade deste fazer educativo, certamente, implicará as características da socialização humana, como a sensibilidade com o outro, o crescimento intelectual e profissional, a solidariedade e a atitude acolhedora do diverso. Contudo, uma pedagogia limitada aos aspectos restritos da humanização do sujeito, enquanto indivíduo, ficaria refém de si mesma e se inutilizaria por não perceber que os indivíduos são construções sócio-históricas, conectados e dependentes, para existir, do movimento geral da sociedade, no caso, do Capitalismo.

O movimento pedagógico da Educação Popular, que parte, e tem como objeto, os sujeitos na sua condição cotidiana, encontra sentido e solidez ao admitir e incorporar, para a crítica e a elaboração das alternativas, as condições atuais de desumanização, tramada e efetivada pelos mecanismos de socialização do Capitalismo. Condições que predominam no fazer, no pensar e no sentir, articulando as especificidades, desde os diferentes contextos, aos ideais de consumo e poder supostamente atingíveis pela competente concorrência individual.

Ao considerar apenas as especificidades mais aparentes como suficientes para definir identidades, ou juventudes, corre-se o risco de despolitizar a condição humana desta época, desconectando-a do movimento das classes sociais e fragmentando as diretrizes e as ações, tornando-as politicamente frágeis ou mesmo inúteis, se encaradas para além da perspectiva assistencial. Ou seja, as especificidades são fundamentais enquanto base para a Educação Popular, mas insuficientes para embasar estratégias de transformação sócio materiais. Este erro tem levado muitos movimentos e organizações populares a reforçar, mesmo contra a intencionalidade manifesta, a ideologia liberal.

A pedagogia que contribui para politizar, mobilizar e transformar as condições materiais e sociais, garantirá aos educandos/as – neste caso, à juventude -, desde sua faixa etária e outras

¹ Este posicionamento teórico indica que os processos revolucionários que alteraram os modos de produção (do Primitivo ao Escravismo, ao Feudalismo, ao Capitalismo e ao Socialismo), ao mesmo tempo, reconstruíram as formas de humanização e a própria humanidade, demonstrando que não há uma essência humana, mas uma identidade provisória, reconstruída constantemente. As mudanças radicais, contudo, acontecem na derrubada e na superação dos modos de produção.

especificidades, as condições de se reconhecer, histórica e criticamente, no movimento global da sociedade capitalista. Condição que tornará possível forjar sua identidade associada a outros trabalhadores/as e povos (identidade de classe social), num movimento capaz de dar sentido à existência por permitir a reconstrução das utopias e a animação da luta popular.

Ou seja, embora a realidade permita identificar *juventudes*, desde os traços específicos manifestos por esta faixa etária no contexto atual, é tarefa da Educação Popular contribuir para que estes jovens se identifiquem com o universo da *juventude* e dos trabalhadores/as de outras faixas etárias e contextos, unificados pelas condições a que são submetidos às relações do trabalho, ou excluídos dele, pela dinâmica da acumulação capitalista em escala planetária.

Assim, para conectar as identidades singulares à identidade politicamente viável para enfrentar com propriedade o Capitalismo (identidade de classe), é indispensável a descrição e a análise histórica e atual do mundo do trabalho, condição humana que, ao reproduzir, sob condições determinadas, a existência material, caracteriza a humanização em cada tempo.

2.2- Transformação no mundo do trabalho e a identidade da Juventude

Assume-se que é através do trabalho de transformação da natureza para suprir as necessidades materiais e simbólicas, que o ser humano se constrói e se recria, condição que embasa a estruturação da sociedade em cada época determinada (conforme Marx). O trabalho realizado nos modos de produção Escravista, Feudalista e Capitalista é alienado aos detentores dos meios de produção (terra, indústrias, máquinas, ferramentas), já que estas sociedades se estruturam em classes. Os trabalhadores são expropriados e separados da riqueza que produzem (trabalho abstrato), por isso não se reconhecem como agentes da transformação da natureza e da sociedade.

Desde a revolução burguesa e industrial do século XVII, o avanço das forças produtivas configurou o Capitalismo em diferentes fases que alteraram a organização do trabalho, visíveis nas mudanças tecnológicas e na aplicação dos métodos de racionalização produtiva, provocando um fenomenal aumento na produtividade, ao mesmo tempo em que fragmentou o trabalho, por restringir cada trabalhador à produção de parte do objeto construído (tarefa repetitiva). A acumulação capitalista avançou pelo controle e pressão no ambiente das fábricas, condição facilitada pela criação do exército industrial de reserva, fruto do violento êxodo rural da época.

Na trajetória de crises e avanços, nos tempos mais recentes, o capitalismo adota a produção flexível para um tipo de consumo que encontra motivação no diferencial da exclusividade do produto, modalidade industrial capaz de se deslocar rapidamente para as condições mais favoráveis para a acumulação, em escala planetária. *“Esse processo de mundialização produtiva desenvolve uma classe trabalhadora que mescla sua dimensão local, regional, nacional com a esfera internacional. Assim como o capital se transnacionalizou, há um complexo processo de ampliação das fronteiras no interior do mundo do trabalho”* (Antunes, p.341).

A nova condição da acumulação capitalista exige agora trabalhadores mais qualificados e polivalentes, atuando em funções diversas, numa estrutura produtiva transformada pela informática

e pela robótica. O trabalho torna-se mais competitivo entre os trabalhadores, assustados pelo desemprego estrutural. Contudo, devido à intensificação do trabalho ideológico, atualmente, essa divisão de classe está cada vez menos evidente. O trabalhador aposta no esforço empreendedor pessoal para ter sucesso, aceitando a condição de que a sociedade reserva lugar aos competidores mais agressivos.

No mundo contemporâneo, enquanto o trabalho da transformação da natureza, especialmente no capitalismo avançado, é cada vez mais mecanizado e automatizado, os índices das ocupações humanas se ampliam nos 'serviços', situação coerente com os índices de deslocamento das populações para as cidades e metrópoles. Embora a gravidade seja maior nos países do capitalismo periférico, a condição geral é da precarização do trabalho, com supressão de direitos trabalhistas já conquistados, revelando que, *“...com a ampliação do desemprego estrutural, os capitais transnacionais implementam alternativas de trabalho crescentemente desregulamentadas, “informais”, de que são exemplo as distintas formas de terceirização* *“(Antunes e Alves, p.337). “As novas tecnologias de informação também aceleraram o avanço das transnacionais, permitindo com a conexão via internet, a ampliação do espaço produtivo no ambiente doméstico, ampliando a exploração do trabalho, com maior intensidade entre mulheres, jovens e crianças.”* (Antunes, p.182).

Na esteira da condição tecnológica da volatilização, o capital financeiro, constituído recentemente pela fusão entre as empresas de produção de bens de consumo, os bancos privados e os proprietários das redes de comunicação de dados e de informações, fortalece nas gerações mais jovens a ideologia do consumo ilimitado sem a necessidade de trabalho material, supostamente possibilitado pelas maquinarias inteligentes. A nova humanização (trabalho de formação humana) dirigida pelo capital financeiro, materializado na aceitação das empresas como guia (pedagogia empreendedora), exigiu a corrosão da autoridade e do poder educativo das tradicionais instituições da sociedade, especialmente das famílias, das escolas públicas e das igrejas. Foi feito, demonstrando que a mudança nas características da base material capitalista implica, necessariamente, na reorganização educativa da sociedade.

O capital alavanca outras formas de humanização, orientadas para as novas estratégias de acumulação, hegemonia educativa sentida e manifestada por educadores/as em todos os espaços sociais. Se a diretriz educativa do capital financeiro desloca o significado do trabalho de referencial que organiza a vida a longo prazo (construir a profissão é também construir a identidade) para tornar-se restritamente condição de comprar mercadorias (trabalho abstrato, apropriável pelo capital), os referenciais de realização humana movem-se do trabalho para a posse destas mercadorias, moldando identidades referenciadas nas marcas.

No quadro da corrosão da autoridade educativa de famílias e escolas, associado à ideologia de consumir sem trabalhar (condição restrita dos capitalistas), é realçada, especialmente nas gerações mais jovens, a atitude de negar-se, inclusive, a realizar o trabalho concreto, o trabalho cotidiano de manutenção da vida e do convívio. Considere-se que o trabalho não mercantilizável, é fundamental

para a formação da personalidade quanto aos aspectos do reconhecimento do outro, do compartilhar responsabilidades, do sensibilizar-se e solidarizar-se com situações coletivas. Diante da condição do trabalho na economia capitalista, em torná-lo abstrato (alienável), o descuido com o trabalho concreto na formação das crianças e da juventude elimina uma das principais possibilidades de resistência educativa na perspectiva da individuação omnilateral². Perde-se um espaço estratégico de contraponto aos referenciais liberais.

Com relação aos 'milagres' da tecnologia, cuja produtividade é apropriada pelo capital, na formação da juventude e das crianças, está o desafio de perceberem que o potencial de trabalho morto (das máquinas) é, na verdade, o acúmulo de trabalho vivo, não pago pelos capitalistas aos trabalhadores, sem descuidar do fato de que o aumento do trabalho feito por máquinas nos lugares de maior avanço do capitalismo só é possível pelo aumento e precarização do trabalho físico de trabalhadores em lugares menos capitalizados (sem máquinas).

“Com a conversão do trabalho vivo em trabalho morto, a partir do momento em que, pelo desenvolvimento dos softwares, a máquina informacional passa a desempenhar atividades próprias da inteligência humana, o que se pode presenciar é um processo que Lojkin denominou como objetivação das atividades cerebrais junto à maquinaria, de transferência do saber intelectual e cognitivo da classe trabalhadora para a maquinaria informatizada (...) que se converte em linguagem da máquina própria da fase informacional, através dos computadores, acentua a transformação de trabalho vivo em trabalho morto. Mas não pode eliminá-lo.” (Antunes, p.176)

A sociedade apresentada pelo capital, como um lugar ilimitado para satisfazer desejos, cria incessantemente novos objetos de consumo, parecendo ser possível estruturar a vida pelo imediatismo (sem planejar o futuro) e pelo individualismo (centrado no eu), atitudes que reforçam a submissão ao mercado, desembocando em violência e mutilação humana diante da impossibilidade real de acesso às riquezas do trabalho pela juventude da classe trabalhadora. Nestas condições, as identidades das marcas desmoronam, abrindo espaço para a desesperança, a insensibilidade, a depressão e o suicídio. Um quadro que explica a *“tendência presente no mundo do trabalho é a crescente exclusão dos jovens, que atingiram a idade de ingresso no mercado de trabalho e que, sem perspectiva de emprego, acabam muitas vezes engrossando as fileiras dos trabalhos precários, dos desempregados, sem perspectivas de trabalho, dada a vigência da sociedade do desemprego estrutural.”* (Antunes, p.339)

4- Pistas para trabalhar com a juventude

1- Aproximar-se da juventude considerando as características específicas da sua identidade como ponto de partida pedagógico. Trata-se de reconhecer diferentes sujeitos, desde a sua condição e percepção, para que o processo educativo seja ato que amplie as possibilidades da autodeterminação

2 Segundo Gramsci, se a classe proletária desenvolver uma consciência de emancipação poderá, criar uma contra-hegemonia e assim derrubar a hegemonia dominante, para isto apresenta a escola unitária, defendendo uma formação completa do ser humano, tendo o trabalho intelectual e manual como princípio educativo, tornando o indivíduo autônomo, responsável, capaz de desenvolver sua consciência moral e social, denominada Formação Omnilateral

(mover-se por si próprio);

2- Coletivos de jovens podem diferenciar-se e/ou se identificar por situações relativas ao trabalho, ao estudo, à arte, ao lazer, aos intercâmbios, às viagens, à solidariedade perante determinadas situações graves, às lutas coletivas... motivados pelo que incomoda;

3- Considerar a urgência de fortalecer modalidades de envolvimento de crianças e jovens no trabalho não mercantilizável, no campo político da classe trabalhadora. O trabalho concreto, não alienável, desde o seu cotidiano (na família, na escola, na localidade onde mora), até ações de solidariedade com situações urgentes do convívio social. Trata-se de revalorizar a estratégia de enfrentamento da mercantilização do trabalho como modalidade absoluta, trabalho que aparece como única forma de realização, mediante a alienação aos mecanismos do capital (trabalho abstrato);

4- Contribuir para que se constituam coletivos e apoiá-los para que se tornem permanentes no formular, acolher e encaminhar demandas;

5- Cuidar para que a organização das ações (análise da problemática, soluções implementadas, estratégias fortalecidas) aconteçam em conexão com o movimento geral da sociedade (classes sociais).

Redação: Rogéria Alba e Valdir Duarte

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo e Giovanni Alves. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao mundo do trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 13ª Ed. Cortez, 1995.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro 1, vol II e III. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.